

ESTÁGIO SUPERVISIONADO E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR NO CURSO DE PEDAGOGIA

Milena Mendonça da Silva

Universidade Federal da Paraíba – Campus IV
mendoncamilena1@gmail.com

Rayanne de França Fasseluan

Universidade Federal da Paraíba – Campus IV
rhayfasseluan97@gmail.com

Célia Regina Teixeira

Universidade Federal da Paraíba – Campus IV
cel.teix54@gmail.com

INTRODUÇÃO

A vivência do estágio supervisionado ao longo do curso de Licenciatura em Pedagogia é imprescindível para a formação de professores qualificados e competentes na prática docente. De acordo com Oliveira (2018) “[...] o estágio supervisionado é o eixo articulador entre teoria e prática”, é nele que os professores em formação conseguem visualizar e sentir na prática os impactos da profissão docente. Oliveira ainda afirma que durante o estágio supervisionado é possível a aplicação dos conhecimentos teóricos obtidos durante o curso, e este será o elo entre todas as disciplinas estudadas, possibilitando assim, a profissionalização e capacitação de professores competentes, promovendo os princípios de cidadania e conscientes de seu papel na sociedade. A partir dessa perspectiva, buscamos neste trabalho trazer reflexões acerca do estágio supervisionado I no curso de Pedagogia, bem como suas contribuições na formação docente, onde, a pesquisa foi realizada através de visitas e observações do espaço escolar. Objetivou-se, portanto, analisar a comunidade escolar, bem como seus professores, gestores, funcionários e demais componentes no núcleo da escola, através de observação, análises e entrevistas feitas durante a vivência do estágio, compreendendo e relacionando criticamente a teoria com a prática, para assim, ganhar certa experiência no que diz respeito à docência e suas implicações.

METODOLOGIA

Para realização da presente pesquisa, foi iniciada uma série de visitas à Escola Municipal de Ensino Fundamental Monsenhor José Coutinho,

situada no Sítio Açude, zona rural da cidade de Itapororoca-PB, no período de 23 de março à 03 de abril de 2018, objetivando analisar a prática docente das turmas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental I e seu contexto no cenário educacional atual. Também a observação do espaço escolar, a postura dos alunos e de todos que compõem o núcleo escolar. Em seguida foram realizadas entrevistas com os componentes da escola para melhor compreensão de seu papel e por fim, utilizamos referencial teórico ofertado na disciplina de Estágio Supervisionado I, com aprofundamento nas ideias de Garrido (2011).

O estágio foi realizado no período de cinco dias, compondo 20 horas em sala de aula. Com isso, o convívio que tivemos dentro da escola nos fez refletir cada detalhe vivido nela, que vão desde os momentos bons que decorrem durante o dia de aula, até os momentos de conflitos e problemas presenciados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de todo o estudo realizado, pudemos sentir o impacto que o estágio supervisionado proporciona na vida do estudante de Pedagogia, sobretudo o estágio supervisionado I, que após dois anos de teoria pudemos ir à campo e conhecer a realidade das salas. A primeira dificuldade encontrada foi a autorização para estagiar em alguma escola, pois, o estágio inicial não é bem aceito nas escolas. Existem certas distorções do estágio, em que os professores e até mesmo os gestores acreditam que os alunos irão para observação apenas para criticá-los ou para outros fins, fugindo totalmente do sentido real do estágio, que é a aprimorar por meio de observação a articulação da teoria com a prática vivida.

Assim, após várias recusas de escolas, finalmente conseguimos uma em que pudéssemos realizar o estágio. Selma Garrido (2011) ressalta essa dificuldade afirmando que um dos primeiros problemas enfrentados pelos estagiários na prática docente é a falta de escolas para os alunos e, quando existe essa oportunidade, permanecem apenas na observação, não havendo possibilidade de participação no planejamento e execução de atividades, logo, há um desencontro do que a escola espera do estagiário e do que ele realmente vai fazer na escola.

Nos dias de vivência encontramos professores altamente eficazes em sua prática docente, bem como professores totalmente despreparados e ineficazes no processo de ensinar. Professores estes, que não conseguiam articular os conteúdos à realidade do aluno, tornando o ensino sem sentido e extremamente cansativo, havendo aulas que nem mesmo nós que apenas observávamos conseguíamos demonstrar interesse, quem dirá crianças que só se interessam pelo lúdico e pelo afazer numa perspectiva do concreto.

Em uma das experiências vivenciadas, encontramos algo bastante importante no 3º ano. A sala é composta por vinte e um alunos, sendo dois com necessidades especiais, e no dia da vivência do estágio, havia faltado mais um aluno com a mesma condição. Assim, pudemos perceber durante toda a aula a inquietude dos alunos que requeriam uma atenção diferenciada, desatentos à aula e sempre muito eufóricos. Em contrapartida, a professora aparentemente, se mostrava sem nenhuma formação adequada para lidar com essa situação e também sem nenhum professor assistente, ao passo que também precisava dar atenção aos demais alunos ali presentes. Observamos que todas as tentativas foram sem sucesso. De acordo com a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), no art. 3º inciso XIII, faz-se necessária a presença do profissional de apoio escolar, visto que este propiciará atividades de alimentação, higiene e locomoção do estudante com deficiência e atuará em todas as atividades escolares nas quais se fizer necessária, em todos os níveis e modalidades de ensino. E ainda segundo Sadalla (1997), a formação do educador que atua na Educação Especial e Inclusiva precisa ir além da presença de professores em cursos que visem mudar sua ação no processo ensino-aprendizagem, é necessário que essa formação seja continuada. No entanto, na realidade não foi bem assim que verificamos, pois, através da entrevista realizada após a aula, com a professora do 3º ano, pudemos confirmar nossa hipótese de que, embora muito atenciosa e prestativa, a professora não tivera nenhuma formação continuada no quesito Educação Especial. O que conseqüentemente envolve a inclusão do deficiente no espaço escolar e não a inclusão social, uma vez que não ocorre atividade específica e eles ficam na maioria das vezes desenhando. E assim aconteceu na sala em que observávamos. Ribeiro (1991) reforça que é necessário oferecer condições iguais de acesso à educação, sendo preciso que a escola amplie seu espaço pedagógico e adapte recursos. Assim, esta é a maior contribuição que a Educação Especial pode oferecer: “[...] denunciar o falso discurso democrático que afirma o direito de todos, mas na prática usurpa de qualquer pessoa diferente o direito de realizar suas potencialidades” (1991, p.119). Em outro momento, na sala do 5º ano tivemos contato com alunos extremamente atrasados, e a professora demonstrou grande desinteresse por eles, estando na sala apenas como transmissora de conhecimentos, sem nenhum sinal de mediação pedagógica. Esta turma praticamente não estava alfabetizada, não conseguiam formar frases e alguns se atrapalhavam na colocação de letras em simples palavras. Ao fim do contato com essa turma tivemos a certeza do profissional que não queríamos nos tornar, uma vez que observamos a ausência de cuidados para com o ensino e aprendizagem, sendo assim ineficaz, quando o foco é ensinar, pois segundo Libâneo (2011) quando se prioriza o ensino memorístico, repetitivo, se desconsidera o ato de pensar, raciocinar e atuante de cada aluno.

A observação na sala do 4º ano, nos fez pensarmos na violência, pois observamos o método autoritário utilizado pela professora, sua turma era a maior (contava com alguns repetentes). Presenciamos alguns alunos referindo-se a ela de maneira rude, no entanto, também percebemos que, embora ela fosse bem tradicional em seus métodos, eles conseguiam obter um certo êxito no processo de aprendizagem com ela. Sua sala de aula era dividida em dois grupos, – os que conseguiam acompanhar e os que aparentemente deveriam estar na série anterior – e assim ela conseguia desenvolver com eles alguns dos momentos trabalhando com atividades diferenciadas, afirma Guillot (2008), a principal função da autoridade é autorizar alguém a crescer, a aprender, a construir dignidade, é um ato de confiança.

Os resultados obtidos no processo de observação da escola em referência, só foram possíveis devido a articulação feita entre teoria e prática. Um dos grandes erros existentes hoje nas escolas são professores antigos que ainda utilizam métodos arcaicos. Garrido (2011) em uma de suas pesquisas, concluiu que o estágio é um dos melhores componentes na formação dos futuros professores.

Após aprofundamento nos problemas, e revendo a atitude autoritária da professora, podemos dizer que a autonomia possa ser derivante da autoridade, e que quando usado corretamente funciona. Observando também os acertos da escola aqui destacados, pudemos receber o peso da contribuição que um estágio desperta no aprendiz de educador. Desperta a criticidade até a vontade de querer de fato lecionar e tornar melhor a comunidade escolar, se tornando mediador de boas relações e aprendizagens, pois não basta apenas entrar em sala e discorrer conteúdos sem sentido para os alunos, a docência pedagógica que tanto estudamos em sala, precisa ser de fato efetuada na prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os momentos destacados neste trabalho justificam a importância do estágio supervisionado nos cursos de formação de professores, sobretudo no curso de Pedagogia. Foram dias de contato direto com a escola e com todos os que compõem o núcleo escolar.

A experiência nos trouxe um grande aproveitamento para compreender de forma eficaz a realidade do cotidiano do profissional da educação e dos seus desafios. Concordando com o pensamento de Freire (1996), a reflexão crítica da prática docente é mesmo o momento fundamental na formação de professores, e para nós, em formação, devemos aproveitar cada minuto da vivência do estágio supervisionado com a finalidade de articular os conhecimentos teóricos

obtidos durante o curso com a verdadeira prática, utilizando a reflexão crítica, pois, de acordo com o mesmo autor, “[...] é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. (FREIRE, 1996, p. 43). No quesito prática, Garrido (2011) reforça:

O exercício de qualquer profissão é prático nesse sentido, na medida em que se trata de fazer “algo” ou “ação”. A profissão de professor é também prática. E se o curso tem por função preparar o futuro profissional para praticar, é adequado que tenha a preocupação com a prática. (2011, p.28)

As experiências diárias do estágio podem ser consideradas o ponto máximo do curso, já que a partir dele o aluno terá vivências reais das situações boas e ruins também, formando pensamento crítico a respeito do curso e da sua futura atuação. Até essa fase inicial de estágio o graduando não sabe muito bem como se direcionam as ações de um professor e como ele se desdobra dentro de sala de aula para lidar com todas as situações como sentimentos, fracassos, agressões verbais e físicas, entre outros momentos em que o docente vivencia e somente através do estágio, nós professores em formação podemos decidir se é o que de fato queremos para nossa vida profissional. E também como proceder nesta conjuntura. Conhecer as dificuldades das escolas é gratificante e triste ao mesmo tempo. E em meio a tudo isso, mesmo que ainda distante, nós enquanto professores em formação, desejamos poder algum dia contribuir de forma ativa na melhoria da educação, promovendo princípios éticos e de humanização.

Portanto, através do estágio supervisionado I, pudemos conhecer de perto as salas, suas necessidades, suas cadeiras quebradas, seus livros didáticos sem uso, a difícil capacidade de leitura e escrita de muito dos alunos, o corpo docente que em alguns casos nos instigava, já em outros nos decepcionava, a direção e todas suas implicações. Assim, o estágio serve de prática integradora no curso de Pedagogia, onde destaca-se como grande fator na relação entre polos de uma mesma realidade e “preparar mais convenientemente o aluno estagiário para o mundo do trabalho, desde que a escola e trabalho façam parte de uma mesma realidade social e historicamente determinada. (KULESAR, 1991, p. 58)

Assim podemos ver a necessidade de a escola está diretamente ligada a sua comunidade e cultura, não deixando os futuros docentes distantes do que de fato lhe espera no meio escolar, pois de nada adianta conhecer tanto e não saber ou ter onde usar futuramente, logo a necessidade de unir ideal e real.

Portanto, o trabalho de um professor deve sempre agregar-se à realidade de seus alunos, e valorizar o indivíduo como sujeito único e histórico, assim podendo colocar em prática sua boa formação, e o estágio se caracteriza como alicerce dessa formação, pois só teoria de sala aula não basta. Concluimos, portanto que o

desempenho profissional só será possível com a união dos pontos citados acima, e além de tudo, a desmistificação que teoria e prática não andam juntas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **estatuto da pessoa com deficiência**. Lei 13.146/15. Lei Brasileira de Inclusão, (LBI), 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (coleção Leitura)

LIBÂNEO, J. C. **Didática e trabalho docente: a mediação didática do professor nas aulas**. Disponível em:
<<http://professor.ucg.br/SiteDocente/home/disciplina.asp?key=5146&id=3552>>. Acesso em: 16 de agosto 2018.

OLIVEIRA, Luiz Carlos de. **A Importância do Estágio Supervisionado Durante o Curso de Pedagogia**. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-do-estagio-supervisionado-durante-o-curso-de-pedagogia/11641/>>. Acesso em: 25 de maio de 2018

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na formação de professores: Unidade Teoria e Prática?**. 10ª ed. São Paulo, Cortez, 2011.

PICONHEZ, Stela C. Bertholo; FAZENDA, I. C. A; RIBEIRO, M L S; et al. **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. 21ª ed. Campinas, SP. Papyrus, 1991.

SADALLA, A. M. **Com a palavra a professora: suas crenças, suas ações**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1997.

GUILLOT, G. **O resgate da autoridade em educação**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2008